

A abordagem narrativa

Uma ferramenta para a transição ecológica em bairros vulneráveis

Inspiração e métodos para atores e residentes



A abordagem narrativa

Uma ferramenta para a transição ecológica em bairros vulneráveis

**Inspiração e métodos para atores
e residentes**

A história não está escrita...

Principalmente se decidirmos mudar o cenário!

Mas quem é verdadeiramente o autor da sua vida hoje?

Levantar a cabeça e derrubar os clichés enquanto respigamos no mercado; escapar às histórias de dominação que nos aprisionam em preconceitos; revelar o valor de histórias alternativas, preferidas e libertadoras que nos fazem sentir orgulhosos de quem somos e do que fazemos na cidade: esta é a procura aberta, não resolvida, mas partilhada generosamente por um grupo de profissionais europeus, facilitadores sociais e coaches, arquitectos da mudança. Agradecemos a todos eles.

A abordagem narrativa é uma ferramenta poderosa para gerir as transições.

Para além das técnicas de narração de histórias ou da auto-convicção performativa, ajuda os actores e as regiões a situarem-se nas suas trajectórias passadas, presentes e futuras. Dá crédito à ideia de um futuro que é escolhido e não imposto. Coloca as ciências da comunicação não violenta no centro das trocas e ajuda as instituições a progredirem nas suas relações de cooperação com os cidadãos. Encoraja os ciclos de aprendizagem e o feedback, assegura a assunção de riscos e permite que as pessoas usem.

Ousar, transformar, não sofrer. A abordagem narrativa descoloniza as nossas imaginações e abre novas possibilidades. Revela todo o seu valor. É uma ferramenta poderosa, mas difícil de manusear. Baseia-se numa lógica de exploração e mantém o espírito dos Compagnons. Numa altura em que é necessário construir um outro modelo de desenvolvimento...

Julian PERDRIGEAT, Delegado Geral da Fábrica de Transições



Histórias de transições na Europa. Cooperação para a transição ecológica em bairros prioritários.

Projeto N.º: 2021-1-FR01-KA220-ADU-000030066

Este livreto foi produzido sob a direção de:



Anna Goral, Consultora especializada em projetos europeus
Benôit Thévard, Engenheiro especializado em transições ecológicas

Pelo consórcio formado por:



Fundação E35
Marianna Ragazzi
Giulia Bassi
Giorgia Cervellati



Consultores EuroVértice
Consuelo Garcia
Carolina Santonja
Ana Monge



Instituto Politécnico do Porto
Vera Diogo
Carina Coelho
Pedro Correia Rodrigues

Com a participação ativa e contribuições essenciais das seguintes pessoas:

Em Tours:

Malvina Balmes, Jean-Baptiste Berber, Aurélie Brunet, Caroline Dongmo, Estelle Durand, Loïc Fougère, Marc Frèrebeau, Christel Glover, Julien Keruhel, Elisabeth Richez e Ida Tesla.

Para Lorquí:

David Hurtado Díaz, Isabel Sánchez Ramírez, Rosario Gea Gil, María Dolores García Rojo, Carmen Ortega Ortega, Luís Bernardeau Esteller e Laura Vidal López.

Em Régio Emília:

Alessandro Patroncini, Francesco Di Muro, Beatrice Moretti, Fulvio Bucci, Pierluigi Tedeschi, Cinzia Pietribiasi e Katia Capiluppi.

Obrigado à Transitions Factory Promotion Association pela inspiração, treinamento, revisão e aconselhamento. Obrigado também a todos os revisores pela sua valiosa ajuda.

Ilustrações: Anne Demarçaigne.

Impressão concluída em papel reciclado em dezembro de 2023 nas prensas da impressora ESCOURBIAC

Com a participação financeira de:





Conteúdo

1. CONTEXTO:	6
• PORQUÊ ESTE GUIA?	7
• O PROJETO E OS SEUS PARCEIROS	8
• TERRITÓRIOS DE EXPERIMENTAÇÃO	9
• CRONOGRAMA DO PROJETO	9
2. GESTÃO DA MUDANÇA ATRAVÉS DA ABORDAGEM NARRATIVA	10
• LOOS IN GOHELLE, FONTE DE INSPIRAÇÃO	11
• A FÁBRICA DE TRANSIÇÃO	11
• AS DIMENSÕES DA ABORDAGEM NARRATIVA	12
• DEIXE IR E APROVEITE O TEMPO	12
3. INSPIRAÇÕES E MÉTODOS DE AÇÃO:	15
• ABRAÇAR AS NARRATIVAS E DEFINIR UMA TRAJETÓRIA	16
• COMUNICAR HONESTAMENTE, PARA EXPRESSAR INTENÇÃO	19
COMUNICAÇÃO HONESTA PARA CRIAR UMA RELAÇÃO DE CONFIANÇA EM CARROZZONE	19
SLOGAN E EVENTO DE ABERTURA NA SANITAS	20
LIDANDO COM AS DIFICULDADES DE COMUNICAÇÃO MUNICIPAL EM LORQUI	22
• ENVOLVA-SE REALMENTE PARA INCORPORAR A MUDANÇA	22
• ORGANIZAR E VIVER A COOPERAÇÃO PARA UMA DINÂMICA FORTE E SUSTENTÁVEL	23
• AVALIAR A MUDANÇA ATRAVÉS DA ABORDAGEM NARRATIVA	26
THE TIPI: LABORATÓRIO DE CONTAR HISTÓRIAS EM SANITAS	27
AVALIAÇÃO EXPERIENCIADA NO PROJETO ERASMUS +	27
4. CONCLUSÃO	29
FICHAS DE INSPIRAÇÃO E MÉTODOS	30





①

Contexto



Porquê este guia?

Em todo o mundo, as pessoas em situações precárias são e serão as mais expostas às alterações climáticas e ambientais e às suas consequências. Nos bairros prioritários, muitos actores trabalham com os moradores para resolver estes problemas, mas trata-se, na maior parte das vezes, de acções pontuais, que não fazem parte de uma dinâmica global e que afectam apenas um pequeno número de pessoas. O desafio ecológico é confrontado com uma forma de incompatibilidade entre as dificuldades materiais quotidianas e os "princípios ecológicos" que podem aparecer como injunções vindas de um outro lugar demasiado distante. Esta "ecologia de classe, que se dirige principalmente às populações urbanas, brancas e médias"[1], tende a mascarar uma ecologia popular, que deve ser posta em evidência. De facto, as restrições orçamentais não são a única justificação para o baixo impacto ambiental das classes populares, mas também porque estas têm outros estilos de vida e cultivam imaginários diferentes [2].

Neste contexto de crises ou mudanças ambientais, sociais e económicas, cada parceiro, através das suas responsabilidades, competências e acções no coração do território, vê-se confrontado com a emergência climática e as suas repercussões na vida das populações. Cada um desenvolve e implementa ferramentas e métodos que considera apropriados, adaptados às particularidades do terreno e dos públicos, mas todos eles identificam e exprimem a insuficiência e a ineficácia dos esforços feitos até agora para iniciar uma verdadeira transformação.

Aqui ou em qualquer outro lugar, nem os discursos calibrados e formais nem os projectos infra-estruturais são suficientes para provocar mudanças socioculturais e sistémicas. É necessário explorar novos caminhos, encantar a transição ecológica, construir novas narrativas envolvendo todos os habitantes na sua diversidade.

Optámos por nos basear na "metodologia de gestão da mudança através da abordagem narrativa", resultante dos trabalhos da Fabrique des transitions e do CERDD[3] a partir das experiências pioneiras de vários territórios, entre os quais Loos-en-Gohelle. O presente guia é o resultado de um trabalho de adaptação desta metodologia ao contexto dos bairros prioritários. Tem como objetivo promover a inclusão de todos os públicos nos desafios da transição ecológica, equipando os actores que com eles trabalham diariamente.

A escolha da "ferramenta de abordagem narrativa" é uma forma de envolver as associações, os actores sociais, as colectividades locais, todos os intervenientes na vida dos bairros, mas sobretudo de trabalhar de forma transversal com os habitantes e de promover uma participação alargada.

Este guia metodológico é produzido por e para as pessoas que vivem e actuam nos bairros. Contém reacções e ideias inspiradoras, com variações em função das especificidades dos territórios (riqueza resultante da cooperação a nível europeu).

[1] Fátima Ouassâk, Por uma ecologia pirata, Edições La Découverte, fevereiro de 2023, 198 páginas [2] Qual o lugar da ecologia popular na transição ecológica? Théodore Tallent, Artigo datado de 9 de maio de 2023, URL: <https://www.latribune.fr/opinions/tribunes/quelle-place-pour-l-ecologie-populaire-dans-la-transition-ecologique-961436.html> [3] Referências sobre como contar a(s) história(s) dos seus projetos de transição, La Fabrique des Transitions / Le CERDD, 2021.



O projeto e os seus parceiros

A todas as escalas, os actores contactados ou implicados confirmaram a importância da realização de um projeto deste tipo, seja pela referência metodológica da abordagem narrativa, pela emergência ecológica, pela redução das vulnerabilidades dos habitantes destes bairros ou por todas estas razões ao mesmo tempo. A parceria europeia Erasmus+ foi uma oportunidade para dar aos projectos locais uma dinâmica global, multi-escala e multi-stakeholder. Trata-se de iniciativas coerentes e convergentes, que permitem a partilha de experiências e o trabalho transdisciplinar.

Artéfacts - Tours - França

Criada em 2010, a Artéfacts é uma cooperativa de atividade cultural e emprego (CAE) dedicada às profissões culturais (artes visuais, artesanato, digital, ambiente, aconselhamento e formação, mediação cultural). Situada em Orléans, Tours, Blois e Nantes, acolhe responsáveis de projectos que desejam criar a sua própria atividade profissional, libertando-se da criação de uma empresa, beneficiando assim do estatuto de empresário assalariado. No seio desta cooperativa, foi criado um grupo "Récits'danses", com o objetivo de participar na transição ecológica, acompanhando os actores e as colectividades locais no seu projeto de abordagem narrativa. A cooperativa é uma aliada da Fabrique des Transitions.

EuroVértice - Murcia - Espanha

A EuroVértice é uma PME virada para o futuro, dedicada ao financiamento europeu, ao desenvolvimento urbano sustentável, à inovação, ao ambiente e à energia. Com um forte compromisso com o ambiente e a sustentabilidade, temos participado ativamente nos projectos Erasmus+, LIFE e H2020, demonstrando o nosso empenho em criar um futuro mais verde e sustentável. Desde a sua criação em 2006, em Múrcia, Espanha, a EuroVértice tem como objetivo promover o envolvimento de entidades públicas e privadas em projectos inovadores e sustentáveis, financiados por fundos europeus. Trabalhamos em estreita colaboração com os municípios, os governos regionais e o sector privado para alcançar a nossa visão comum de um mundo mais sustentável e próspero.

Fundação E-35 - Reggio Emilia - Itália

A Fundação E-35 nasceu em julho de 2015 a partir de um projeto partilhado entre entidades representativas da região de Reggio Emilia, incluindo o município, a província, a fundação bancária Pietro Manodori, a Câmara de Comércio de Reggio Emilia e o CRPA, centro de investigação e produção animal que lida com agricultura e sustentabilidade. A Fundação E-35 apoia a promoção europeia e internacional do território e do "Sistema Reggio Emilia", com o objetivo de atrair competências, recursos económicos, realidades empresariais, parcerias e condições de apoio às políticas de desenvolvimento local e de apoio às autarquias locais e às suas agregações. Em particular, envolve as suas instituições, empresas e associações em questões económicas, sociais e de cooperação internacional.

Instituto Politécnico do Porto (IPP) - Porto - Portugal

É a maior instituição politécnica portuguesa, com cerca de 20.000 pessoas a estudar, ensinar e fazer investigação nas suas oito escolas, desenvolvendo 56 cursos de licenciatura e 62 mestrados, em diversas áreas. A Escola Superior de Educação (ESE-IPP) oferece um conjunto de cursos de licenciatura e mestrado, nas áreas da formação de professores e da educação social, outros domínios convergentes, bem como um doutoramento conjunto em educação (com a Universidade de Santiago de Compostela, Espanha). O Centro de Investigação e Inovação em Educação (inED), um dos dois centros de investigação da ESE-IPP, reúne investigadores de diferentes áreas de conhecimento interrelacionadas que contribuem para o estudo sistemático da educação.



Territórios de Experimentação

Um bairro prioritário é geralmente definido pelo rendimento médio dos seus habitantes. Por detrás desta noção estatística, existe uma grande diversidade de situações e, sobretudo, de habitantes que vivem no coração de territórios que concentram vulnerabilidades socioeconómicas e uma grande exposição a riscos ambientais. Nestes aspectos, os três territórios que participaram neste projeto são semelhantes, mas ilustram esta diversidade. O bairro Sanitas de Tours situa-se no coração do centro urbano de uma metrópole francesa. A cidade de Lorquí é uma pequena cidade situada na bacia industrial da cidade de Múrcia, em Espanha. O bairro Carrozone é um bairro residencial e de "transição" situado numa zona industrial nas imediações do centro da cidade de Reggio Emilia, em Itália.

	<i>Carrozone</i>	<i>Lorquí</i>	<i>Sanitas</i>
População	3.550 pessoas	7.246 pessoas	7.815 pessoas
Densidade populacional	2.218 hab/km ²	483 hab/km ²	19.537 hab/km ²
Superfície	1,6 km ²	15,8 km ²	0,45 km ²
Nível administrativo territorial	Bairro	Município	Bairro
Função territorial principal	Área industrial e residencial	Área industrial e residencial	Área residencial
Problemas ambientais	Ondas de calor devido a elevados níveis de impermeabilização do solo; falta estrutural de espaços verdes ou árvores	Risco de inundações: gestão da água e impermeabilização dos solos; ondas de calor; desertificação;	Falta estrutural de espaços verdes ou árvores

Figura 1: Breve comparação das realidades sociodemográficas, institucionais e socioambientais.

Cronograma do projeto

O projeto foi realizado em duas fases principais.

Em primeiro lugar, foi efectuada uma fase de estudo para compreender melhor as relações entre os habitantes dos bairros prioritários e a transição ecológica.

Esta investigação sociológica[4], realizada em conjunto com os actores e os habitantes dos três bairros, evidencia as alavancas e os obstáculos que caracterizam a transição ecológica para as populações mais precárias.



Figura 2: Parceiros europeus em Itália – abril de 2023

Com base nos resultados deste estudo e no método de gestão da mudança [5] difundido pelas Transições Fabriquedes, organizámos workshops mensais para trabalhar as 5 dimensões do storytelling e encontros internacionais que deram origem a este guia por e para as pessoas que vivem e actuam nos bairros.

.....

[1] Vera Diogo et Al., Histórias de ecotransição, Investigação sobre as múltiplas dimensões das condições de transição ecológica nos três bairros prioritários, URL: <https://www.ecotransition-stories.eu/fr/rapport>





2

Gestão da mudança através da abordagem narrativa

Loos en Gohelle, uma fonte de inspiração

Esta cidade, situada na bacia mineira do norte de França, sofreu um colapso económico a partir da década de 1960. Marcel Caron, presidente da Câmara Municipal de 1977 a 2001, utilizou a abordagem narrativa para apresentar uma história alternativa a partir do seu primeiro mandato.

A dinâmica foi prolongada por Jean-François Caron até 2023. Atualmente, o novo presidente da câmara, Geoffrey Mathon, prossegue a missão.

Foi em 2014 que a ADEME [6] identificou Loos-en-Gohelle como um modelo de gestão da mudança para uma cidade sustentável [7] e permitiu descrever a estratégia implementada durante 40 anos. Podemos mencionar criações emblemáticas como as conferências Ch'ti TAIDx, as Gohelliades ou as fifty-fifty [8].



Figura 3: Vista de Loos-en-Gohelle. Crédito: crossedarchi.fr

La Fabrique des transitions

A Fabrique des transitions nasceu da convergência das experiências de Loos-en-Gohelle, GrandeSynthe, Malaunay e Le Mené. Trata-se de uma aliança de 1000 pessoas ou organizações (colectividades locais, grupos da sociedade civil, empresas, universidades, etc.) que assinaram uma carta que define os seus objectivos estratégicos e os seus valores. La Fabrique des Transitions inspira-se nas experiências de territórios pioneiros para favorecer o desenvolvimento de dinâmicas locais de transição e a sua mudança de escala. Formando uma comunidade de intercâmbio e de acompanhamento, ela trabalha para transformar os quadros de pensamento, de organização e de ação para renovar a forma como as transições são conduzidas.



[5] URL: <https://www.cerdd.org/Parcours-thematiques/Changement-climatique/Ressources-climat/Loos-en-Gohelle-un-demonstrateur-de-la-conduite-du-changement-vers-une-cidade-sustentavel> [6] Envolvimento dos cidadãos: feedback do município de Loos-en-Gohelle, Julian Perdrigeat, Jean-François Caron, Geoffrey Mathon, Antoine Raynaud, dezembro de 2019.



5 dimensões da abordagem narrativa

A gestão da mudança através da abordagem narrativa é um novo método, proposto pela Fábrica de Transição, que resulta da análise de uma experiência de sucesso no terreno.

Baseia-se em 5 dimensões fundamentais que constituem a base do processo e as condições de sucesso. Estas dimensões, às quais voltaremos ao longo deste guia, são as seguintes:



Embora a experiência sugira que algumas dimensões devam ser consideradas antes de outras, não existe uma receita ideal. Além disso, elas funcionam e ressoam umas com as outras, podem sobrepor-se, ser actualizadas ou reiniciadas, não há regras mas sim uma lista de ingredientes que cada um pode utilizar para iniciar a transição ecológica no seu território. São 5 dimensões que explorámos, analisámos, por vezes renomeámos, confrontámos com as nossas próprias experiências nos bairros, e com base nas quais formulámos propostas que vos apresentamos aqui. Estas nem sempre foram testadas e não podemos garantir o seu sucesso em todos os contextos. Convidamo-los a recebê-las como fontes de inspiração, cuja pertinência serão vocês os juízes e arquitectos da sua aplicação no vosso território.

Deixe ir e aproveite o tempo

Todos os dias, no âmbito das nossas missões, temos de responder a expectativas prementes, adaptarmo-nos a mudanças e imprevistos, enfrentar milhares de condicionalismos financeiros, técnicos, sociais e administrativos. É tentador utilizar os métodos que já dominamos para tentar resolver os problemas, para resolver os desafios de forma rápida e eficaz. Esta prática clássica não responde nem à urgência nem ao aspeto sistémico das transformações a empreender.

No entanto, no meio deste tumulto, temos de tirar tempo para nos distrairmos, ler, aprender, ouvirmo-nos, observar, compreender, levantar a cabeça e olhar para longe. Cada um dos parceiros deste projeto decidiu aproveitar este tempo, embarcar numa aventura cujo desfecho desconhecia, e conseguiu encontrar uma forma de tranquilidade construtiva, uma bolha de reflexão no meio da emergência.



No final desta experiência colectiva, para além do resultado detalhado nas páginas seguintes, parece-nos essencial partilhar o processo, o caminho que foi seguido:

2. Constituir um grupo de pessoas do bairro ou do território, membros de organizações essenciais (idealmente o Quarteto Fantástico[9]), sensíveis aos desafios da transição ecológica e conscientes de que ainda há muito a fazer, dispostos a dedicar tempo à integração de uma metodologia sensível e complexa.

2. Estabelecer um calendário comum para o processo, com prazos razoáveis e objectivos a atingir. A compreensão do método da abordagem narrativa pode parecer longa e, por vezes, confusa, razão pela qual é importante seguir um caminho marcado e seguro.

3. Organizar reuniões regulares, durante as quais as 5 dimensões da abordagem narrativa serão abordadas, discutidas, debatidas, testadas e confrontadas com as realidades do bairro

4. Construir a partir do que já foi feito, pois por vezes há uma profusão de actores a agir e a interagir. A abordagem narrativa não é um novo plano de ação, é uma nova forma de olhar para o passado, o presente e o futuro. É uma forma de dar ainda mais sentido à ação.

5. Aplicar as dimensões da abordagem narrativa o mais rapidamente possível, e a todas as escalas..

A gestão da mudança através da abordagem narrativa não é uma solução "chave na mão". Quanto mais se transmitem os conceitos, mais se percebe a sua pertinência e mais se olha para as acções realizadas, os projectos, as parcerias e as oportunidades que surgem. Após semanas de maturação, os membros do grupo dão sentido a todas estas dimensões e ao seu entrelaçamento. É uma espécie de cultura comum que facilitará, sem dúvida, a cooperação entre os actores no contexto das transições ecológicas.

Muito rapidamente, o grupo iniciador pode experimentar um sentimento dissonante: por um lado, a necessidade de dominar mais a abordagem sistémica e esta metodologia subtil, no seio de um grupo que se move ao mesmo ritmo, e, por outro lado, a profunda convicção de que o domínio deste processo não deve recair apenas sobre algumas pessoas formadas e informadas e que deve ser disseminado o mais possível, para garantir que tudo isto se torne comum.

.....
[7] Para a Fábrica de Transições, os 4 fantásticos são os 4 tipos de atores essenciais à vida de uma comunidade: o governante eleito, o agente administrativo, o ator socioeconómico (associação, coletivo, empresa privada) e o Estado. URL: https://www.fabriquedestransitions.net/bdf_initiative-21_fr.html



Muitas questões se colocam e a lista de respostas a encontrar e de escolhas a fazer é longa:

O grupo que inicia a abordagem narrativa é o guardião do projeto, da dinâmica?

Como é que o grupo deve partilhar, divulgar, alargar o círculo, aderir?

Que mensagem deve ser transmitida e como deve ser transmitida?

Como é que se exprime simplesmente a intenção real e sincera?

Devemos abrir de imediato, por fases e em círculos concêntricos, ou a toda a gente?

Devemos partilhar a metodologia da abordagem narrativa, ou simplesmente utilizar este método para conseguir a adesão do maior número possível de pessoas?

Não encontrará necessariamente respostas precisas a todas estas perguntas neste guia, mas são perguntas que provavelmente encontrará ao longo do caminho. E é precisamente este caminho, com todas estas perguntas e as respostas que irá encontrar coletivamente, que será verdadeiramente transformador e que lhe permitirá compreender melhor a gestão da mudança através da abordagem narrativa.



Figura 4: Ilustrações de inspirações narrativas nos 3 territórios



3

Inspirações e métodos de ação

Abraçar as narrativas e definir uma trajetória

A "transição ecológica" é uma expressão comumente utilizada numa grande variedade de circunstâncias, desde as associações de cidadãos até às autoridades públicas responsáveis pela transição ecológica. À primeira vista, apercebemo-nos de uma evolução para práticas mais respeitadoras do ambiente, mas isso não diz absolutamente nada sobre a extensão dessa evolução, nem sobre os meios a mobilizar.

Literalmente, uma transição é uma mudança de um estado para outro, mas isso não define o estado inicial, os seus limites, os problemas que têm de ser resolvidos, as coisas de que é preciso abdicar. Também não define o horizonte, o destino, a "estrela" que devemos apontar juntos, esse território novo, melhorado, que tem em conta as necessidades da população e as questões contemporâneas.

Num território, mesmo que existam questões partilhadas e convergências, cada história é única, especialmente nos bairros populares onde se cruzam muitas culturas. Não há uma única história do bairro, há tantas quantas as dos seus habitantes. Quer sejam grandes, pequenas, anedóticas, positivas, negativas, traumáticas ou motivadoras, as histórias devem ser reconhecidas e acolhidas para formar o quadro de uma narrativa colectiva em que cada habitante encontra o seu lugar como membro de pleno direito de uma comunidade.

É a vida das pessoas que determina o bairro, muito mais do que as estatísticas.

Esta convergência de narrativas passadas e contemporâneas constitui a base de uma trajetória desenhada coletivamente: saber de onde vimos, para decidir para onde queremos ir. É, pois, necessário criar condições para acolher, partilhar e compilar estas histórias, que podem por vezes gerar conflitos e por vezes aproximar as pessoas. Os "passeios pelos pomares", inspirados nos (ver ficha 1) "passeios Jane Jacobs"[10] são uma série de passeios no coração do bairro, guiados por habitantes locais. Permitem entrar em contacto com o ambiente, com os outros habitantes, descobrindo ao mesmo tempo a história e a cultura locais, as necessidades e os problemas das pessoas que aí vivem.



Figura 5: Imagem do jogo Sanikart - Crédito: wiki.funlab.fr

A organização recorrente de passeios pode promover a ligação com a natureza, mudar a forma como a encaramos e o património cultural local. Estes passeios podem ser uma oportunidade para promover práticas virtuosas, ecológicas, sociais e significativas. Podem ser evolutivos, teatrais, intergeracionais e devem reunir, idealmente, residentes e instituições.

A descoberta do território pode ser tão simples como isso, ou pode ser objeto de criações colectivas artísticas ou tecnológicas mais complexas, como os passeios virtuais que permitem navegar pela vida do bairro. A Karto-Party (ver ficha 2) é uma atividade que combina dois ingredientes: um jogo de passeio virtual pelo bairro para descobrir histórias no tempo e no espaço, e um entretenimento através da criação de uma obra colectiva intergeracional.





Figura 6: Projeção do jogo em um prédio - Crédito: wiki.funlab.fr

As ferramentas a mobilizar devem ser variadas e utilizar diferentes meios de expressão para que ninguém fique à margem.

A oficina proposta no kit de abordagem narrativa [11] é muito inspirador e permite lançar as bases de uma história comum.

Depois de traçar uma linha que represente a trajetória do bairro, deitando as suas raízes no passado, passando pelo presente para se projetar no futuro, cada participante é convidado a colocar os elementos marcantes do território, sejam eles positivos ou negativos, sejam eles acontecimentos, decisões, factos, etc.

Deve ser dedicado tempo suficiente para debater as representações contraditórias dos factos, quando estas surgirem, antes mesmo de discutir o futuro.

No mesmo espírito, também realizámos o exercício durante um seminário de trabalho entre os parceiros. Cada equipa dos três países teve de representar livremente, sem partir necessariamente de uma linha, a sua trajetória desde o início do projeto Erasmus+ até à estrela que pretende alcançar.

Aqui, combinámos o desenho e a escrita, mas qualquer forma criativa é bem-vinda para alcançar resultados surpreendentemente ricos.



Figura 8: Apresentação do projeto de Carrozzone



Figura 9: Representação do projeto de Lorquí

.....

[9]O kit para contar histórias foi desenvolvido pelo Centro de Recursos para o Desenvolvimento Sustentável (CERDD). Ele está disponível online gratuitamente. URL: <https://www.cerdd.org/Parcours-thematiques/Transitions-economiques/Ressources-transitions-economiques/1-2-et-3-ressources-pour-explorer-la-mise-en-recits-de-vos-projets-de-transicao>



Figura 7: Kit de contar histórias oferecido gratuitamente pelo CERDD



Qual poderá ser a trajetória que queremos seguir coletivamente? O que significa transição no nosso bairro? O que estamos a ver hoje e para onde queremos ir? Foi este o exercício que fizemos, com trocas ricas, nem sempre leves, mas que nos permitiram chegar a esta visão comum. Quisemos dar um sentido concreto à ideia de "transição ecológica", cruzando os pontos de vista dos membros do grupo de trabalho, com base na sua própria experiência, na sua vivência e no seu conhecimento do bairro e dos seus habitantes. Após este debate, foi proposta uma síntese, alterada e validada pelo grupo.

A visão atual do bairro: Existe um modelo, uma narrativa que pode ser descrita como "dominante" para a nossa sociedade no seu conjunto e, por conseguinte, para o bairro. Baseia-se no consumismo, na competição, nas relações de dominação e na desigualdade. No bairro de Sanitas, este modelo cruza-se com estilos de vida alternativos desenvolvidos por razões culturais, sociais, económicas ou outras.

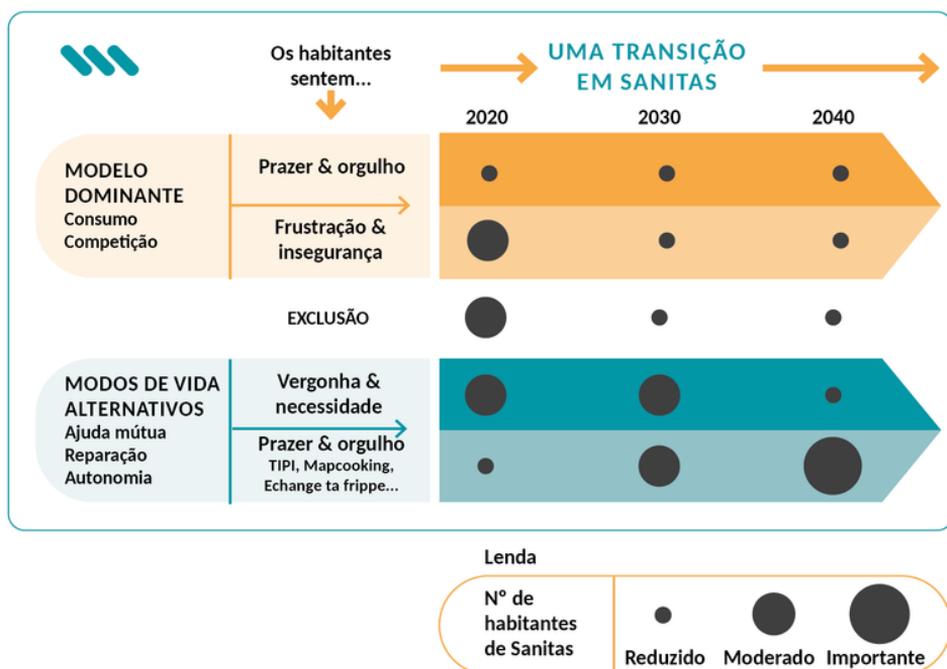
Um pequeno número de habitantes encontra o seu lugar no modelo dominante (rendimento, estilo de vida, relações sociais, etc.). Um grande número procura o seu lugar neste modelo, mas não o encontra verdadeiramente, o que se traduz em endividamento, insegurança financeira, frustração e insegurança. Podemos também incluir aqui os modelos "fora da lei", como o tráfico de droga, a prostituição, etc.

Por outro lado, uma parte da população desenvolve hábitos fora do modelo dominante. Estes podem ser descritos como boas práticas (entreeajuda, solidariedade, recuperação, reparação, etc.). Mas, na maior parte das vezes, é por necessidade e com uma certa vergonha devido ao lugar de referência ocupado pelo outro modelo. Alguns actores e residentes conseguiram encontrar o seu lugar nestas práticas alternativas, e estão orgulhosos e felizes por isso, ou estão em vias de o fazer (por exemplo, Map'cooking, TIPI, échange ta fripe, etc.).

Por fim, há pessoas que são excluídas destes modos de vida, ou mesmo da sociedade em geral.

Sanitas em 2040: Uma grande parte da população orgulha-se das suas práticas quotidianas, partilhando-as e melhorando-as. Tornaram-se uma inspiração para os outros residentes.

A transição não é uma questão de gestos ecológicos, mas de mudar a forma como encaramos os estilos de vida que já são frugais e virtuosos e, pela sua própria natureza, amigos do ambiente, e de generalizar as melhores práticas. Esta mudança permitirá aos habitantes tornarem-se mais auto-suficientes, tirando-os da precariedade e da insegurança. O modelo dominante de 2020 tornou-se um modo de vida secundário.



Comunicar honestamente para expressar intenção

Uma vez que estamos a falar de "gestão da mudança", vale a pena perguntar "quem" deve liderar a mudança e como. Um bairro não é uma cidade ou uma aldeia, é uma parte do território com características particulares, pelo que a governação é diferente e a organização da vida democrática é adaptada ao contexto.

As pessoas que decidem iniciar um processo de abordagem narrativa num bairro prioritário não são necessariamente do município e a comunicação pode tomar uma direcção ascendente, descendente ou horizontal. Independentemente do emissor e do recetor da mensagem, a comunicação como ferramenta é essencial.

É claro que deve estar ligada à vida local, articulada no tempo e no espaço e, sobretudo, ser "tratada com cuidado", sinceridade e honestidade para evitar a armadilha da propaganda[12].

Este tema complexo não está totalmente resolvido no momento em que escrevemos. No entanto, decidimos explorar várias vias diferentes para cada território.

Comunicação honesta para criar uma relação de confiança em Carrozzone

A presença de uma pessoa de fora, de confiança e ativa no bairro pode ser um verdadeiro trunfo para a comunicação. Se ele ou ela for a força motriz por detrás do processo de contar histórias, então o seu papel, identidade e relação com o bairro são essenciais. A postura a adotar é a de um facilitador, um megafone, construindo pontes fluidas, comunicando horizontal e verticalmente (ver ficha 3).

Por esta razão, é essencial identificar a pessoa ou as pessoas certas, capazes de ajustar os códigos e de se adaptar aos códigos para facilitar as trocas e criar um clima de confiança: esta posição particular de mediação pode facilitar o diálogo entre os actores públicos, os moradores e os seus colectivos, e os actores sociais. A organização de grupos de reflexão, de encontros entre antigos e novos residentes, entre voluntários e profissionais, entre cidadãos e instituições, é uma oportunidade para estabelecer um clima de confiança e para ouvir as histórias das pessoas.

A criação de um contexto de comunicação eficaz permite a este ator propor um ponto de partida para a abordagem, deixando claro que a trajetória e o processo serão construídos pelos participantes. A comunicação honesta é, portanto, mais do que um método, torna-se um processo significativo, aberto à escuta e que valoriza as contribuições de todos.

[10] Propaganda é um conjunto de técnicas de persuasão implementadas para propagar, por todos os meios disponíveis, uma opinião ou uma ideologia (Fonte: Wikipedia)



Slogan e evento de abertura em Sanitas

Uma boa maneira de extrair a essência do objetivo é encontrar um slogan que exprima, em poucas palavras, a intenção partilhada pelas partes interessadas. Depois de realizarmos o nosso trabalho sobre a trajetória e de clarificarmos o que a transição ecológica poderia significar na Sanitas, realizámos este difícil exercício em várias etapas:

- Brainstorming com todas as palavras-chave que podem ressoar com a trajetória
- Discussões em pares para fazer propostas "não filtradas" de slogans
- Classificação das propostas por tema, categoria
- Discussão aberta e seleção por eliminação.

Após estas sequências, que se prolongaram por várias semanas, foi lançada uma discussão final, partindo das propostas iniciais e deixando em aberto novas propostas.

Todo este processo durou vários meses, permitindo tempo de maturação e reflexão.

Assim, a última sequência conduziu a um slogan que foi objeto de um acordo unânime no seio do grupo de trabalho.



Figura 10: slogan para o processo de contar histórias na Sanitas

Para além deste trabalho sobre o slogan, foi decidido organizar um evento de comunicação "polivalente" para alargar o círculo.

A manhã é concebida num formato bastante clássico para um público institucional, a fim de comunicar de forma ascendente e virada para o exterior do bairro (cidade, metrópole, departamento, região, Estado, territórios vizinhos e outros parceiros, etc.).

A tarde é dedicada aos residentes e aos actores já implicados na vida do bairro, para partilhar com eles as 5 dimensões da abordagem narrativa, através de workshops, experiências e testemunhos dos membros do grupo iniciador.

Manhã de sensibilização externa

- 80 pessoas
- Actores institucionais e profissionais
- Conferências/mesa redonda
- Discursos e reacções do público

Tarde de envolvimento local

- 50 pessoas
- Residentes, partes interessadas do bairro
- Workshops e teatro fórum
- Testemunhos



Lidando com as dificuldades da comunicação municipal em Lorquí

Da experiência da Câmara Municipal de Lorquí, que pode ser extrapolada para muitas organizações, há um sentimento no seio da instituição de que as mensagens que enviam não chegam aos cidadãos. Do mesmo modo, alguns cidadãos consideram que não existe uma comunicação efectiva com as autoridades. Este facto leva a afirmações como "As autoridades públicas não nos ouvem" ou "Nós pedimos aos cidadãos e eles não respondem".

Como é que pode surgir um clima de confiança, uma vontade de cooperar e de transformar, se não há comunicação e se as instituições e os cidadãos fazem a mesma constatação?

A abordagem narrativa consiste também em "oferecer portas para embarcar" numa história que queremos viver no coração do bairro. Estas portas devem estar abertas a todos, quer sejam comerciantes, pais, associações ou moradores.

Podemos utilizar aqui ferramentas de marketing e de comunicação porque elas permitem-nos ser eficazes e sublinhar vários elementos determinantes (ver esquema abaixo).

SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

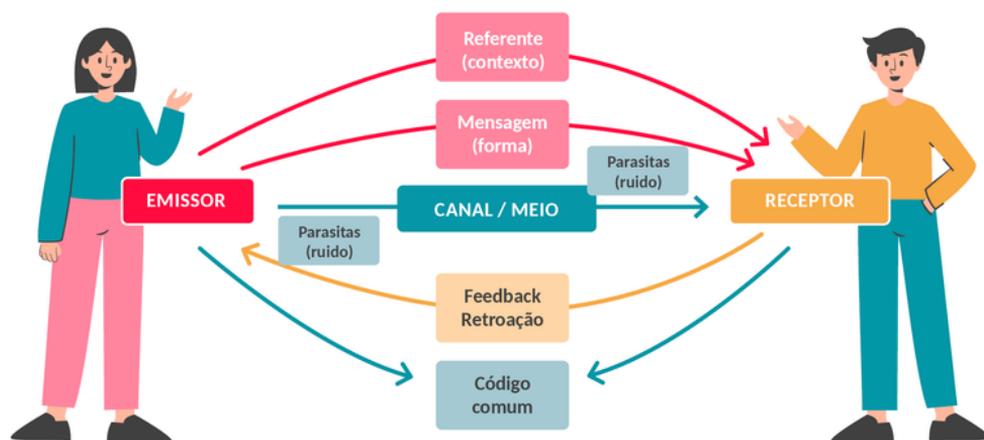


Figura 11: Diagrama de comunicação

No entanto, não devemos cair na armadilha da propaganda.

A história a contar no bairro terá sido trabalhada coletivamente e será o resultado de um processo sincero e transparente.

E o objetivo do processo local de contar histórias será precisamente acolher histórias alternativas, por vezes contraditórias ou claramente opostas, para as ter em conta e enriquecer a trajetória, a visão partilhada.



Envolve-se realmente para incorporar a mudança

O público não deve ser apenas um espectador, mas também um agente de mudança. O público deve ser capaz de observar - voltaremos a este ponto na secção de avaliação - mas também deve tomar a iniciativa, ser colocado em posição de agir, ter um impacto na vida quotidiana, na vida do bairro. Quanto mais visível for o impacto, mais orgulho gera, mais empenhamento fomenta.



Figura 12: Plantação de um arbusto no distrito das flores

A experiência de Lorqui forneceu uma lição importante a partir do seu trabalho sobre um tema importante: a ecologização da cidade. Por iniciativa do município, foi feito um convite para florir as portas e as fachadas, bem como os espaços públicos, para oferecer plantas, vasos, etc. aos habitantes. Não só não surgiu uma verdadeira dinâmica no seio da população para manter e dar vida a esta planta, como se registaram roubos e danos que provocaram um sentimento de decepção. Noutro bairro, os habitantes plantaram espontaneamente flores e, desta vez, o resultado foi ótimo: o nascimento do autoproclamado "Bairro das Flores", mudança de nome que foi objeto de uma petição dirigida ao município (ver ficha 5)

O verdadeiro envolvimento é uma postura de acolhimento, de facilitação, de apoio e de amplificação dos projectos realizados pelos e para os cidadãos. É uma prática e uma postura radicalmente diferentes de uma expectativa de participação em projectos decididos noutro lugar e impostos. O sucesso e a sustentabilidade são também muito diferentes.

Um resultado semelhante pode ser observado com a experiência do Planitas, um projeto cidadão de horta urbana e partilhada ao pé dos edifícios Sanitas. Impulsionado por um habitante local, inspirado no movimento internacional [13] dos comestíveis incríveis, este projeto consiste em criar um espaço de produção de legumes ao pé dos edifícios, no qual todos podem entrar e servir-se livremente.

Este projeto foi apoiado por uma associação local, em articulação com o senhorio social que disponibilizou os espaços dedicados à cultura. Também neste caso, o projeto não é conduzido por actores associativos, sociais ou municipais, mas estes dão apoio, acompanhamento e multiplicação para permitir que os habitantes tenham meios de ação.



Figura 13: Recipientes de plantação da Planitas, em Tours

Propomos aqui uma ação (ver ficha 6) inspirada nesta iniciativa, com a ideia de aumentar a produção alimentar no bairro.

A visibilidade da produção hortícola e das actividades conexas (construções em madeira, trocas de sementes, plantações, etc.) ao pé dos edifícios é uma forma de tornar o envolvimento, a ação e a cooperação concretos e observáveis pelos habitantes.



Dimensão 4

Organizar e viver a cooperação para uma dinâmica forte e sustentável

As partes interessadas do bairro estão habituadas a trabalhar em conjunto, uma vez que os projectos são frequentemente numerosos e, por vezes, interligados, envolvendo vários intervenientes. Então, o que é que caracteriza a cooperação no contexto de uma abordagem narrativa? Se o tema é essencial, é porque existe frequentemente, nas organizações, um modo de funcionamento baseado na "coordenação", que consiste em distribuir eficazmente as tarefas para atingir um objetivo. Em poucas palavras, "uns pensam, outros actuam" com uma prioridade: o resultado. Embora este princípio possa parecer confortável e eficaz, não se adapta aos desafios da transição sistémica, num mundo de reconfiguração contínua em que todos têm de enfrentar situações complexas, não normalizáveis e não replicáveis [12].

Nos bairros vulneráveis, esta complexidade é já uma realidade quotidiana e os processos de cooperação estão frequentemente muito presentes, de diferentes formas. Depois de um primeiro reflexo que poderia levar-nos a pensar "eu sei o que é a cooperação, fazemo-lo todos os dias", devemos no entanto aprofundar este domínio, porque a gestão da mudança através de uma abordagem narrativa é diferente da cooperação habitual. Trata-se de uma abordagem destinada a transformar as organizações, as equipas, as relações de trabalho, a envolver progressivamente todos, todos os actores, durante um período de tempo indeterminado.



A cooperação é aqui uma forma de viver em conjunto de forma sustentável, sem limites de tempo e de espaço. É também uma oportunidade para pôr os conflitos em ação e não se contentar com os "consensos brandos" que abrandam as transições ao evacuar as questões essenciais.

A primeira etapa do trabalho consistiu, portanto, em olhar para as nossas próprias práticas e encontrar uma definição comum de cooperação no âmbito do processo de contar histórias.

Este trabalho permitiu-nos formalizar as condições de uma cooperação bem sucedida.

Cada grupo iniciador em cada país efectuou o seu próprio trabalho e apresentamos aqui o de Sanitas e uma ficha mais completa sobre o de Carrozzone (ver ficha 4)

Figura 14: Condições para uma cooperação bem sucedida - equipa Sanitas

[12] Os 4 fundamentos da gestão da mudança, La Fabrique des Transitions, 2022, p32.



A segunda etapa consiste em trabalhar as posturas, sejam elas hierárquicas, institucionais, de especialistas, de reputação ou de princípios.

Embora, por vezes, seja necessário manter uma posição nos debates, também pode impedir as pessoas de falarem e criar desconfiança numa altura em que precisamos de confiar na inteligência colectiva e na confiança mútua.

Que melhor maneira de compreender o outro do que estar no seu lugar?

A experiência de um jogo de role-playing em que a cada um é atribuída uma função invulgar e uma posição a defender, permite sair instantaneamente do condicionamento habitual. Desestabiliza os pontos de vista, os argumentos, as narrativas são muito diferentes e por vezes contraditórias, mesmo que coexistam.

Neste exercício, foi atribuído um papel a cada ator de cada bairro:

- O urbanista que quer desenvolver e construir edifícios;
- O naturalista que quer reflorestar e dar natureza ao maior espaço possível;
- O economista que quer atrair empresas a todo o custo em nome do desenvolvimento económico;
- O cartógrafo que precisa de recolher os pontos de vista e representá-los num mapa, etc.

Com cada um a defender o seu ponto de vista, o objetivo é fazer um esboço do bairro ideal e resiliente em 2043!

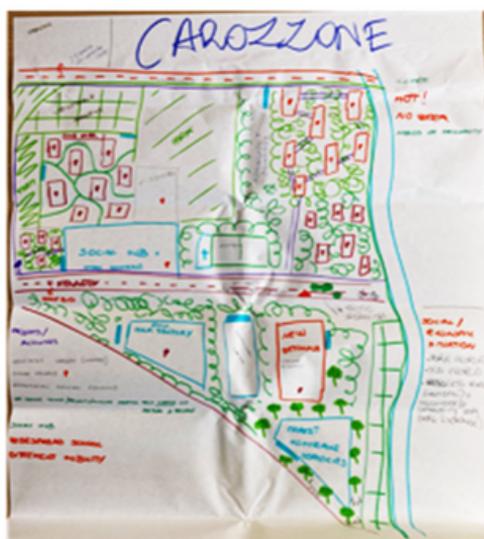


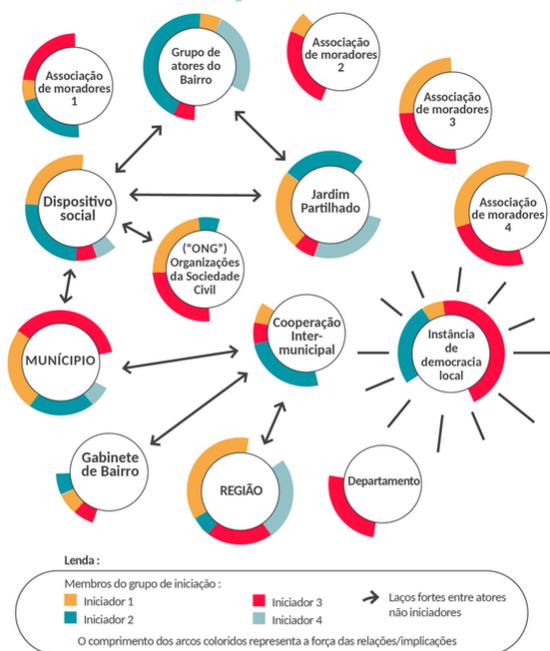
Figura 15: Representação do bairro Carrozzone em 2043, no final da oficina

Outro aspeto da cooperação é conhecer e compreender melhor o ecossistema do bairro, os actores, as relações e as influências, as ligações e as interdependências [13].

Este ecossistema pode ser representado de diferentes formas, como ilustram os dois diagramas seguintes do nosso trabalho.



Este primeiro diagrama representa uma galáxia de actores presentes ou em interação com o bairro.



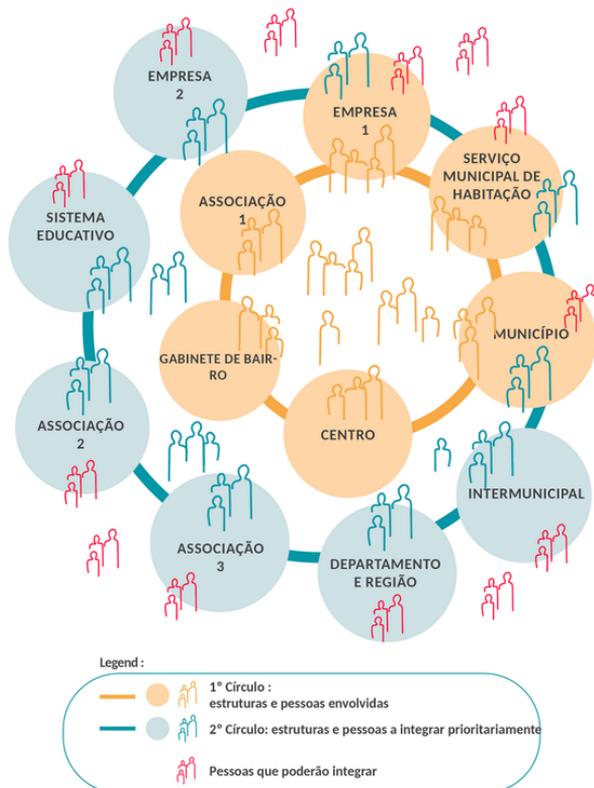
Neste exemplo, cada membro do grupo iniciador indica, com uma cor, qual é o seu nível de interação com os outros actores, para que todos compreendam a importância das relações e os pontos de entrada para se envolverem neste processo de abordagem narrativa.

Neste segundo esquema, procuramos representar a extensão do círculo de cooperação, integrando gradualmente novos habitantes, novas organizações e novas pessoas dentro das organizações.

CÍRCULOS DE PARCEIROS DA ABORDAGEM NARRATIVA

No centro estão as pessoas que constituem o grupo iniciador. Podem ser habitantes do bairro e/ou membros de certas organizações.

Progressivamente, é necessário alargar o círculo e partilhar esta "cultura" de cooperação e de abordagem narrativa no seio das estruturas já envolvidas, mas também com outros colectivos e habitantes.



Avaliar mudanças através da abordagem narrativa

A transição ecológica e social faz parte do nosso quotidiano há anos e a todos os níveis. Mas será que a sociedade está realmente a mudar? As transformações que estão a ocorrer estão à altura do desafio? Hoje, os números falam por si e dizem-nos que, coletivamente, não estamos no caminho certo, quer se trate do nosso impacto na biodiversidade, na poluição, no consumo de energia ou no clima.

Como explica Agathe Devaux-Spatarakis, doutorada em Ciência Política[14] a avaliação é essencial [15] e pode ter várias funções:



Assim, a avaliação permite-nos apercebermo-nos das discrepâncias entre a realidade e o desejado, ajuda-nos a compreender as evoluções, sejam elas positivas ou negativas. Por fim, dá-nos um apoio essencial à tomada de decisões quando se trata de fazer escolhas difíceis ou restritivas. No entanto, a nossa sociedade está saturada de indicadores numéricos que nos conduzem a uma abordagem "contabilística" da vida, muito distante da abordagem sistémica.

Julian Perdrigeat, Delegado Geral da Fábrica de Transição, testemunha o facto de que: "ce qui compte vraiment ne se compte pas toujours, mais se raconte" ("o que realmente conta nem sempre é contado, mas é contado"). Temos, portanto, de encontrar formas de avaliar as mudanças perceptíveis, qualitativas, que não cabem necessariamente em folhas de cálculo para serem traduzidas em tabelas e gráficos, mas que podem ser contadas, desenhadas, cantadas, tocadas, observadas...

No entanto, as pessoas em situação precária estão muitas vezes pouco presentes no espaço público, nos encontros tradicionais ou nos lugares de expressão e de fala. É por isso que é necessário criar ou utilizar espaços de observação, tornar visível o invisível, acolher as narrativas, sejam elas quais forem, venham elas de onde vierem, porque só assim se pode perceber se há mudanças em curso



TIPI: um laboratório de abordagem narrativa em Sanitas

Recolher os produtos não vendidos no final do mercado antes de os deitar fora é uma atividade que praticamos "de cabeça baixa" quando a falta de meios não nos permite comprar alimentos. Isto significa que não só não há nada de que nos envergonharmos, como também há algo de que nos devemos orgulhar nesta boa prática.

Organizar esta atividade, torná-la normal e até inspiradora, depois reproduzi-la ou amplificá-la, destacá-la através de artigos de imprensa ou visitas de personalidades são evoluções que transformam as pessoas, os olhares, os desejos, as opiniões.

É o que se observa na "Tenda de Intervenção para as Mercadorias não Vendidas" montada pelo Centro Social Pluriel(le)s na Sanitas.

É preciso aproveitar estes momentos, sejam eles habituais ou excepcionais, para escutar, observar e avaliar as mudanças. É necessário permitir que as pessoas em causa avaliem o que está a acontecer nas suas vidas e nas dos seus vizinhos, e também permitir que os habitantes avaliem estas transformações positivas. No momento da redação deste guia, o trabalho não está concluído, mas as entrevistas e os podcasts devem ser realizados no local por pessoas ou organizações de confiança.



Figura 16: Participação de um deputado nas atividades da TIPI

Avaliação testada no projeto Erasmus+

No âmbito do projeto, a equipa do IPP realizou a missão de avaliação. Tiraram daí algumas lições, incluindo o facto de a avaliação ser uma atividade contínua, transversal, contextualizada e incorporada. Para avaliar no âmbito da abordagem narrativa para a transição ecológica, é necessário situarmo-nos no quadro espaço-temporal, na trajetória elaborada coletivamente, em direção a um futuro social e ecologicamente sustentável. Este é o fio condutor a seguir que determinará o próprio quadro da avaliação.

Para avaliar as actividades, os participantes devem ser sempre convidados a partilhar livremente as suas ideias e pontos de vista, por vezes devem ser preparados brainstormings colaborativos ou questionários e os participantes devem ser motivados a responder de uma forma direccionada. Isto deve fazer sentido para os actores envolvidos, em termos da substância dos assuntos abordados e da forma da avaliação.

Com base na nossa experiência, consideramos que também é importante reservar momentos durante as actividades para os participantes expressarem as suas interpretações e avaliações sobre a forma como as coisas estão a correr até agora e como se posicionam em relação aos diferentes aspectos das qualidades e dos objectivos esperados do projeto, bem como dos meios para os alcançar.



Por exemplo, durante um seminário de trabalho, criámos uma avaliação de grupo ao ar livre, pedindo às pessoas que se situassem no espaço numa escala de 0 a 10, relativamente aos seguintes pontos:

a confiança das pessoas na utilização da abordagem narrativa;

a motivação das pessoas para continuar este trabalho após a conclusão do projeto;

a oportunidade de tornar a gestão cooperativa uma realidade na sua organização e na sua comunidade local;



Figura 17: Avaliação de projetos externos

Por último, a avaliação deve também ser um processo cooperativo, o que significa que é necessário o envolvimento do maior número possível de participantes. Os mesmos actores e residentes devem não só tomar parte nas actividades e contribuir com conteúdos, mas também desenvolver os métodos de avaliação e implementá-los. Desta forma, podemos garantir que todos os participantes estão efetivamente envolvidos na avaliação. Por exemplo, neste projeto, o modelo de avaliação foi proposto pelo IPP, o parceiro universitário, com base em discussões com os coordenadores do projeto, e depois apresentado a todos os parceiros do consórcio para parecer.

Pode ser útil ter uma equipa de investigação como observadores externos para apoiar o trabalho do projeto, que ofereça uma perspetiva mais ampla de um observador menos envolvido e forneça um quadro de avaliação. Esta equipa de investigação pode, como aconteceu no nosso projeto, também participar e dinamizar as actividades, encorajando os participantes a refletir sobre as suas realidades e experiências durante o projeto e a partilhá-las com os outros.

No decurso deste projeto, o papel desempenhado pelo IPP permitiu-nos observar muito claramente uma mudança sólida nas equipas locais, em termos da sua apropriação da abordagem narrativa e de uma perspetiva mais clara dos seus horizontes de transição ecológica.

Sendo a abordagem narrativa uma metodologia facilitadora da mudança, a avaliação deve ter um carácter eminentemente formativo e qualitativo. Neste sentido, é muito importante que a avaliação seja contínua e reflectida desde o início da construção da narrativa, para que possa contribuir para o desenvolvimento e progressão do processo.

Nós, avaliadores, precisamos de ter identificado as seguintes dimensões a ter em conta na avaliação:

Diversidade e representatividade dos actores envolvidos

Nível de participação das partes interessadas/actores envolvidos

Âmbito de participação das partes interessadas/actores

Transparência, clareza e equidade na comunicação

Grau de divulgação dos processos e propostas





4

Conclusão

Promover a mudança através de uma abordagem narrativa é um caminho excitante e fascinante. Não se trata de uma solução simples e mágica para a qual se pode simplesmente recorrer aos especialistas.

Trata-se de um processo de aprendizagem colectiva que exige humildade, benevolência e criatividade, e que nos dá esperança.

Os bairros prioritários estão no centro deste guia, e a abordagem narrativa é uma forma de mudar a nossa maneira de ver as coisas. Estes territórios são ricos de uma diversidade cultural inigualável e de estilos de vida exemplares, através da sua frugalidade e da pluralidade de imaginários. Apostemos que a ecologia dos bairros bonitos se inspirará em breve nas práticas quotidianas dos habitantes que se orgulham de quem são, do local onde vivem e do futuro que estão a construir coletivamente.

Este guia é simultaneamente o culminar de uma abordagem europeia e, para os actores de Carrozone, Lorqui e Sanitas, uma primeira etapa de um processo que ainda agora começou.





Folhas de inspiração e métodos



Passeios na Huerta



EM SÍNTESE

O "Paseo Huertano" ou "passeio pelos pomares" é um passeio temático intergeracional que percorre lugares e espaços simbólicos do bairro. Caminhando e conversando, os vizinhos recordam os estilos de vida passados e inspiram-se mutuamente para o futuro. O tema principal do exemplo partilhado é a huerta.



DESCRIÇÃO

O "Paseo Huertano" é uma atividade inspirada no movimento "Jane's walks".

Esta série de passeios pelos bairros foi lançada em homenagem à ativista norte-americana Jane Jacobs, que fez campanha pela conservação dos bairros à escala humana nos anos 60 [16]. Organizados todos os anos, os Jane's walks são voluntários e podem ser conduzidos por qualquer pessoa interessada no bairro em que vive, trabalha ou visita. É uma experiência humana que reforça a solidariedade e o empenhamento cívico. É também um apelo aos profissionais urbanos para que saiam, caminhem e conheçam as pessoas do bairro e a sua experiência quotidiana. Estas caminhadas oferecem uma visão pessoal da cultura local, da história social e dos problemas enfrentados pelos habitantes locais. Desde a sua criação em 2007, o Jane's Walk tem-se realizado em muitas cidades do mundo [17].

Para Jacobs, os residentes são os que melhor conhecem o local onde vivem, e este conhecimento é necessário para melhorar e reforçar o bairro. O facto de o projeto ser da sua iniciativa é o ingrediente essencial.

Se é um profissional de uma associação local ou se representa uma instituição pública, concentre-se no processo, na criação de condições favoráveis, de um ambiente propício à emergência de um tal projeto e na disponibilização dos meios que permitam a sua realização e repetição. Participe, apoie, escute e desenvolva a sua compreensão, preste atenção aos sinais fracos, observe os pontos críticos, recolha histórias...

Tudo isto pode contribuir para as suas estratégias e acções futuras. Não hesite em sugerir actividades complementares ou formas de reforçar a dinâmica.

Se é um residente local, convide os seus vizinhos (e as suas famílias) a dar um passeio nos espaços naturais do seu bairro e sugira um único percurso ou várias alternativas.

Huerta, horta, orto, jardim... a horta urbana para satisfazer as necessidades de uma família ou para partilhar com a vizinhança: um estilo de vida e valores que constituem o pano de fundo deste exemplo.

.....
[16] <https://mobilitetopiectionne.ch/janes-walk/>

[17] https://en.wikipedia.org/wiki/Jane's_Walk#cite_note-janeswalk.org-1

A cultura Huerta está enraizada principalmente nas tradições da Península Ibérica. No entanto, pode ser entendida universalmente como um convite à discussão e à reflexão sobre o significado da transição ecológica para a terra e para os seres humanos.

Caminhando de huerta em huerta, os vizinhos aproveitam o tempo para refletir sobre práticas passadas, talvez esquecidas ou negligenciadas hoje em dia. E ligam-se uns aos outros e à natureza, simplesmente*.

Moinhos, valas de irrigação, casas de trogloditas, hortas, fábricas de conservas... em cada etapa do percurso, pode explicar a importância do local, remontar às suas origens, realçar a sustentabilidade das práticas que dele derivaram, abrir uma discussão sobre os valores que incorpora e a sua relevância para os desafios actuais. Incentive os participantes a partilharem as suas histórias e percepções.

Ao construir um percurso, o intercâmbio intergeracional é a dinâmica que procuramos.

Para as gerações mais jovens, uma corrida de orientação pode aumentar a motivação dos adolescentes e das crianças para pesquisar e explorar a história, os valores e as tradições da região, acrescentando um elemento de desafio. Como parte dos preparativos para o evento, pode confiar-lhes o mapeamento de recursos, a recolha de imagens, etc.

Todas estas descobertas, encontros e relatos pessoais mudarão a forma como os residentes vêem o seu próprio bairro. Este trabalho sobre o passado, o presente e o futuro contribui para alimentar e construir uma trajetória comum e partilhada.



IDEIAS

- *Ferramentas simples e actividades descomplicadas podem ser momentos poderosos para desencadear mudanças na perceção;
- Perguntas que podem orientar a sua preparação:
- Como é que podem ver a vossa cidade natal, o vosso bairro, com outros olhos? Como olhar para ver o que os vossos avós vêem? Como escutar para ouvir o que as crianças ouvem? Como se exprimir para que os seus vizinhos o possam ouvir? Como partilhar para ajudar a construir um caminho comum? Como fazer a ligação entre o passado, no qual podemos ou não ter participado, e o presente? Como é que esta riqueza pode abrir caminho para o futuro?

Karto-festa



EM SÍNTESE

Karto-Party baseia-se em dois ingredientes principais - um jogo de vídeo e um método de animação comunitária. Karto-Party é uma pedagogia de ação e uma ferramenta de descompartimentação que pode ser adaptada a diferentes circunstâncias e servir múltiplos objectivos.

Termina com uma festa.



DESCRIÇÃO

“Karto-Party” é um processo de co-criação, com um grupo de jovens residentes locais, de um jogo de vídeo para ser jogado pelos seus vizinhos num evento público.

O jogo é baseado no software livre SuperTuxKart[18], um jogo de corridas de karts distribuído ao abrigo da licença GNU General Public Licence. Quando se cria uma versão personalizada do jogo, o motor do SuperTuxKart é a sua base. O jogo é concebido, programado e cartografado por jovens, acompanhados por facilitadores técnicos especializados na utilização de software de código aberto.

O bairro é reproduzido a partir dos recursos do OpenStreetMap[19], uma base de dados geográfica que foi preenchida pelos participantes com imagens e outros dados (recolhidos) sobre o seu bairro. Quanto mais completa for a base de dados do Open Street Map, mais rico será o jogo.

O ambiente é modelado em 3D. Os karts apresentados no jogo podem ser o resultado do trabalho criativo dos participantes envolvidos.

O jogo é um circuito que pode ser percorrido a pé, a correr ou com um veículo. Os jogadores encontram-se numa representação do seu próprio bairro, com os seus pontos de referência e edifícios emblemáticos e menos conhecidos.

Quando o jogo estiver pronto, pode ser jogado por qualquer pessoa em qualquer número de ocasiões, apresentado num ecrã ou projetado na fachada de um edifício para um evento único ou regular.

Os adolescentes podem então jogar o jogo no âmbito de workshops em espaços fechados ou na rua, no âmbito de um evento aberto. Acolher o público, explicar as regras e iniciar conversas ao longo do percurso (virtual) pode ser um quebra-gelo intergeracional, um ponto de viragem comunitário, uma ferramenta simples mas poderosa para iniciar a trajetória de uma população e do seu bairro.

É a animação que faz a diferença e permite que o jogo, inicialmente concebido como uma plataforma de corrida de karts, se torne (por exemplo) uma ferramenta que mobiliza e capacita os jovens para desempenharem o papel de mediadores com os idosos da comunidade.

.....
[18] supertuxkart.net

[19] <https://www.openstreetmap.fr/>

O percurso pode ser temático, permitindo aos actores descobrir e explorar o território através da sua natureza (património natural), das suas práticas resilientes/frugais e das suas iniciativas de solidariedade e, ao fazê-lo, iniciar um debate sobre os desafios e as oportunidades socioambientais. Os intercâmbios entre os jovens animadores e o público podem ajudar a descobrir a riqueza existente de nomes alternativos dados a lugares emblemáticos do bairro, destacar as mudanças na paisagem - o antes e o depois da "nossa praça preferida" ou "o que é feito do carvalho que crescia perto da escola primária que frequentávamos".

Pode ser um momento de confronto enriquecedor entre as nossas próprias percepções da vida no bairro e as experiências dos nossos vizinhos.

Pode ser um simples "alimento para o pensamento" ou uma oportunidade prolífica para recolher histórias do passado, partilhar a energia dos acontecimentos actuais e imaginar a situação/estado desejado.

Pode montar uma cabina de filmagem para captar testemunhos ou tornar-se um ouvinte atento e escrever o que ouve. Pode convidar os visitantes a deixar uma ou duas palavras num livro de visitas ou numa "parede de expressão" dedicada.



IDEIAS

Para reforçar a ligação com a transição ecológica, pode:

- Criar vários percursos possíveis que explorem o património natural do bairro, por exemplo, seguindo o circuito dos jardins, apresentando as ervas aromáticas que crescem no bairro, ... ;
- Reformular a banda sonora do jogo, acrescentando sons da natureza, ruídos urbanos, etc., que poderiam ser concebidos pelos jogadores locais;
- Mapear o ecossistema das associações e empresas locais, assinalando as competências presentes no bairro e referenciando as iniciativas e acções existentes;
- Integrar funcionalidades adicionais, por exemplo: enquanto alguns membros do público testam o jogo, outros podem votar em ideias de projectos ou acrescentar competências do bairro ao mapa...

Link para a atividade que nos inspirou:

https://savoirscommuns.comptoir.net/operation_SaniKart



Comunicação: uma história de perspectivas



EM SÍNTESE

Este é um exemplo de aprendizagem pela prática, experimentado por uma organização local que, ao adotar e pôr em prática a abordagem narrativa, compreendeu e assumiu a complexidade da dimensão de comunicação do método.



DESCRIÇÃO

A comunicação nem sempre é institucional, e o storytelling é um processo que pode ser iniciado por qualquer ator local. Aqui, partilhamos a experiência de uma estrutura local (IPES [20]), na interface entre os sectores público e privado, que se propôs a missão de levar o ecossistema do bairro e o município numa viagem que explora o potencial da abordagem narrativa no contexto das transições.

PONTO DE PARTIDA:

Depois de trabalhar e integrar internamente as dimensões da abordagem narrativa, o IPES iniciou um processo de comunicação sincera, começando por identificar claramente as vantagens e limitações da sua posição de intermediário. Como é que podemos adotar e incorporar uma abordagem narrativa sincera com o município, as partes interessadas locais e o público em geral?

A questão da comunicação parece estar no centro do sucesso da sua missão.

Devido à sua posição e à natureza do processo, o IPES, por um lado, dialoga com as políticas locais e as prioridades públicas locais e, por outro lado, experimenta uma abordagem horizontal (o IPES facilita os intercâmbios entre as partes interessadas e os residentes, etc.) e uma abordagem ascendente (os progressos e os resultados da missão são transmitidos à instituição para apreciação).

PROJETO:

Para se familiarizar com a abordagem narrativa, o IPES insere toda a missão (o método e o seu conteúdo) nos seus princípios e no seu quadro. Nas actividades propostas, encontramos elementos da dimensão "trajetória" do território. As questões relacionadas com a postura inserem-se no âmbito da "cooperação". A forma como pensamos a co-construção de um futuro comum com os habitantes locais exige um "envolvimento real".

.....
[20] IPES é um nome imaginário que permite identificar esta organização ao longo do texto.

Por conseguinte, a organização constata que a procura de uma comunicação honesta atravessa todos os níveis da missão e aplica-se a todas estas dimensões da abordagem narrativa.

IMPLEMENTAÇÃO:

As actividades foram concebidas para proporcionar um quadro de exploração e experimentação de posturas e ferramentas de comunicação.

Por exemplo, a fim de explorar o tema do passado, do presente e do futuro, são propostos aos residentes locais e às partes interessadas debates entre pares (comunicação horizontal) e reuniões do tipo grupo de reflexão, reunindo públicos mistos. Além disso, para ir além das palavras e abrir outros canais de comunicação, os participantes são convidados a explorar o bairro através de uma experiência sensorial e imersiva.

A composição do grupo e as pessoas que participam na atividade formam o ambiente que cria as condições, boas ou más, para a comunicação. Convidar moradores de longa data, recém-chegados e antigos moradores, voluntários e profissionais que trabalham atualmente no bairro, assistentes sociais privados e públicos... abre a porta a uma riqueza de histórias. O ponto de partida é, portanto, a tomada de consciência de que os pontos de vista alternativos e os eventuais conflitos devem ter espaço e instrumentos para serem expressos e vívidos, e que podem, em seguida, ser objeto de uma comunicação ascendente. A participação de observadores externos pode também revelar-se útil para alcançar este ambiente sensível.

O IPES facilita o intercâmbio e recolhe estas diferentes vozes e perspectivas.

O objetivo do seu trabalho reside na cocriação de uma trajetória marcada pelos acontecimentos que contribuíram para a identidade do lugar. O seu objetivo é reunir estas histórias num fio condutor e, em última análise, cooperar com o município para produzir uma narrativa que todos possam compreender.

Para ser capaz de transmitir bem a abordagem narrativa, é necessário incorporá-la. Pensando nisso e na relação com a população e os atores profissionais, o IPES avalia a sua posição como organização intermediária e permanece vigilante sobre como pode ser percebido pelos participantes, a fim de desempenhar um papel de terceiro.

A personificação do espírito da abordagem narrativa exige postura.

Os profissionais que lideram ou facilitam as atividades não trazem uma história já escrita, mas partem das histórias de quem viveu ou presenciou as transformações. Reunidas, discutidas e refletidas, as histórias somam-se a uma representação multiperspectiva do que aconteceu no bairro, por que aconteceu e quais foram as consequências. A narração única e a leitura singular não são os objetivos desejados. A multiperspectividade torna as histórias individuais visíveis.

- *As ferramentas e métodos garantem a consistência do processo.*
- *Trabalhar com grupos mistos levanta a questão dos diferentes códigos de comunicação. Quando procuramos criar um contexto comunicacional num bairro multicultural, é necessário explorar este aspecto com maior profundidade.*
- *Quando navegar por diferentes códigos para alcançar diferentes populações se torna uma verdadeira estratégia de engajamento?*
- *Ciente da complexidade do processo, a escolha de ferramentas e métodos é estratégica. A identificação de locais emblemáticos das comunidades, o estabelecimento de relações com pessoas-chave que possam actuar como facilitadores do diálogo, são essenciais. Neste caso, vamos muito além da simples tradução linguística de conteúdos, buscamos compreender os significados e representações enraizados em diferentes culturas.*
- *As mensagens devem ser inclusivas através da utilização de códigos suficientes e as estratégias devem ser apropriadas para diferentes públicos. Portanto, a comunicação no âmbito da contação de histórias deve garantir a dignidade da expressão e respeitar o compromisso de proporcionar resultados honestos nos quais todos os participantes sejam capazes de se reconhecer.*
- **CONCLUSÃO PARA O FUTURO**
- *A posição intermediária do IPES pode facilitar o diálogo com os moradores e atores profissionais do bairro e garantir uma interface com outras organizações públicas. Se a postura for coerente e adaptada ao contexto que acabamos de descrever, a posição intermédia e o papel de apoio tornam este tipo de actor capaz de “encurtar” a distância que por vezes se cria entre as instituições e os residentes.*

Condições para uma cooperação bem-sucedida na abordagem narrativa

O diagrama ilustra o resultado de um brainstorming desenvolvido com educadores, assistentes sociais e gestores de projectos a quem foi colocada a seguinte questão:

Quais são as condições para uma cooperação bem sucedida no âmbito da abordagem narrativa?

Os participantes começaram a responder a esta questão definindo 9 áreas de reflexão, que por sua vez foram desenvolvidas especificamente no que diz respeito a potencialidades e riscos:

1. **Papéis:** A partilha de papéis ajuda os participantes a encontrar a sua própria posição, a definir quem são as pessoas de referência quando necessário. Ao mesmo tempo, permite que aqueles que tomam a iniciativa encontrem o seu lugar na dinâmica e no grupo, para ter em conta as "lideranças" favoráveis ou desfavoráveis.
2. **O método do consenso:** Este método garante uma ampla participação e a recolha de muitos pontos de vista, bem como facilita a continuidade no futuro. Trata-se de reconhecer o conflito e não de o negar. ! O importante é que a procura do consenso a todo o custo não leve o grupo a tornar-se "refém das minorias da oposição".
3. **A dimensão temporal:** A clarificação da cronologia de um processo permite que todos os participantes se fixem num horizonte temporal claro em relação aos resultados e organizem o tempo como um recurso fundamental do processo.
4. **O contexto:** Conhecer as condições pré-existentes ao processo permite a cada um respeitar o contexto e as suas especificidades, respeitando a sua identidade e a sua história.
5. **O compromisso:** o objetivo é valorizar cada contributo, criando confiança na contribuição que cada um pode dar e reforçando a posição daqueles que demonstram um interesse real e sincero.
6. **Objectivos:** É importante começar por identificar objectivos comuns e torná-los claros para todos os participantes desde o início. Estes não devem ser confundidos com os meios a utilizar para os atingir.
7. **A realidade:** É necessário ir para além do oficialismo em busca da realidade. É por isso que é essencial estar - mesmo fisicamente - nos espaços e lugares que se quer animar através da cooperação.
8. **Continuidade:** A cooperação deve conhecer o seu próprio desenvolvimento contínuo, com uma perspetiva que vai além de projectos claramente definidos.
9. **O papel e a atitude da autoridade pública:** a entidade pública participante deve adotar uma atitude de escuta e de respeito pelo que já existe, procurando colocar-se ao mesmo nível que os participantes.



Distrito em flor



EM SÍNTESE

O projeto "Bairro em flor" é um exemplo da evolução da postura de uma autarquia local que, na tentativa de "melhorar a participação dos residentes" através de projectos do topo para a base, se viu num beco sem saída e teve de dar um passo para o lado.



DESCRIÇÃO

O ponto de partida é a vontade das autarquias locais de fazer face à falta de envolvimento da população local nas actividades oferecidas.

As razões para esta falta de participação são identificadas como a falta de confiança nas autarquias locais e, por conseguinte, nos projectos que estas realizam/lançam, a subinformação da população, a falta de compreensão das iniciativas municipais e um fraco sentimento de pertença à comunidade. Estão a ser propostas medidas de incentivo e implementados vários projectos para remediar esta situação.

Uma das acções testadas é uma iniciativa municipal destinada a embelezar as ruas de um bairro seleccionado, convidando a população local a colocar flores nas portas e fachadas das casas e a plantar nos parques públicos [21].

A comunicação em torno do projeto centra-se nos aspectos estéticos da ação e salienta os benefícios termorreguladores e purificadores do ar decorrentes do aumento da quantidade de vegetação nas zonas urbanas. Vários residentes promovem as actividades junto dos seus vizinhos, na esperança de que a motivação dos residentes floresça como as flores plantadas nas ruas do bairro.

No entanto, as plantas não floresceram como esperado e o envolvimento local também não. Não houve acompanhamento e não houve apropriação local dos resultados.

Quase ao mesmo tempo, um grupo de residentes do bairro vizinho lança as suas próprias actividades de plantação de flores. À medida que o projeto cresce e as plantas começam a florescer em diferentes zonas, os moradores decidem que um bairro assim embelezado merece um nome digno da sua beleza recém-descoberta. Os moradores pediram à Câmara Municipal que mudasse oficialmente o nome do seu bairro.

O QUE É QUE ACONTECEU?

Experiências adquiridas, lições aprendidas, o município volta à ação/ retoma a ação. A abordagem narrativa é aqui útil com um conjunto de princípios orientadores. À medida que a postura evolui e a linguagem muda gradualmente, os meios são adaptados e surge uma nova estratégia.

[21] Voltada para a rua, a fachada da casa é o local onde a beleza do espaço privado também se transforma na beleza do espaço público. Ao decorar sua fachada, os moradores são convidados a se apropriarem do espaço público.

A mudança é visível na forma como a equipa municipal encara a ação pública. Em particular, já não nos interrogamos sobre o que pode interessar aos habitantes locais, mas sim sobre as condições necessárias para criar um ambiente propício à participação ativa dos cidadãos e ao verdadeiro envolvimento dos actores locais.

1/ Sobre a cooperação e a participação

A questão já não é saber quais os instrumentos a fornecer, mas sim como criar dinâmicas locais que inspirem, motivem e capacitem os residentes para a ação. O grupo de ação local, composto por membros de diferentes serviços do município, adopta uma abordagem cooperativa para coordenar um projeto.

A fase de preparação envolve a conceção conjunta da ação com os residentes locais, com base nas suas necessidades. Um inquérito sobre as suas preferências e necessidades (plantas decorativas, alimentos, etc.) é utilizado para escolher as flores, plantas e vasos adequados (disponíveis gratuitamente para todos os vizinhos).

2/ Sobre a comunicação

Evitamos absolutamente qualquer exploração ou instrumentalização, e perguntamo-nos que ações podemos tomar enquanto instituição para encorajar realmente as iniciativas da base para o topo e promover os seus resultados. Neste caso, será organizado um concurso no final da atividade, convidando os vizinhos a escolher a fachada mais bonita e as flores mais bem cuidadas. Talvez o reconhecimento seja motivador. Perguntamo-nos quando é que o ponto de vista externo de uma autoridade local reconhecerá o valor dos residentes locais e das suas ações, e qual será o seu impacto. A comunicação externa pode salientar os possíveis benefícios, nomeadamente socio-ecológicos.

3/ Sobre a implementação e a governação

Procuramos co-criar projectos com resultados sustentáveis, redefinindo o papel e a função de um município, avaliando quando se deve abster, deixando espaço para apoiar adequadamente as ações lideradas pelos cidadãos. Por exemplo, será organizada uma série de seminários para ajudar os residentes a cuidar das suas plantas, mas talvez alguns vizinhos possam tomar a iniciativa e transmitir os seus conhecimentos a outros, ou poderá prever-se um intercâmbio contínuo de práticas.

Espaço de jardinagem partilhado



EM SÍNTESE

É um exemplo inspirador de envolvimento dos cidadãos - um projeto iniciado por um residente local e gerido por um grupo de voluntários que perdura no tempo e evolui de forma positiva.



DESCRIÇÃO

A horta partilhada é um projeto a longo prazo criado por um residente local que, inspirado pelo movimento Incredible Edible[23], decidiu experimentar esta abordagem à escala do bairro. O seu objetivo era criar "um espaço onde os residentes locais cultivassem legumes, frutas ou flores comestíveis, onde todos pudessem jardinar e colher o que quisessem".

Graças a ela, um grupo de residentes voluntários está a trabalhar em conjunto para criar um espaço público de jardinagem aberto a todos e partilhado. Apoiado por profissionais (um paisagista e um carpinteiro), o grupo reúne-se todas as semanas para desenvolver o jardim e propor actividades de promoção da biodiversidade.

A iniciativa é conduzida no espírito do Incredible Edible. A colheita é livre e não é apenas para quem faz a horta. É um local onde as pessoas se podem encontrar, conversar, fazer perguntas sobre o nosso ambiente e a forma como utilizamos o nosso espaço, e construir em conjunto uma visão positiva do bairro. É um jardim não vedado que pretende ser um espaço público por direito próprio, acolhendo outros usos também na ausência dos membros do coletivo.

O jardim cresce em tamanho e torna-se um espaço público em desenvolvimento contínuo (parte de uma abordagem de planeamento softurban[24] de planeamento)...

Com base neste processo de envolvimento bem sucedido dos cidadãos, propomos reconstituir as principais etapas que permitem aos cidadãos desempenhar um papel cada vez mais importante na vida do bairro.

1/ Prestar atenção aos sinais fracos

Surgimento do projeto "Incredible Edible" imaginado por um habitante local.

2/ Ir ao encontro das pessoas

Encontro entre o morador e um grupo comunitário local, que contratou um profissional de jardinagem paisagista para prestar apoio técnico.

3/ Acompanhar e lançar as bases do projeto

Desenvolvimento do projeto e dos procedimentos administrativos.

O município e o senhorio da habitação social escolhem um local para o jardim.

Co-conceção do projeto paisagístico (plano e desenhos) com a ajuda do jardineiro paisagista.

.....

4/ Ajuda na implementação

Instalação dos primeiros 15 canteiros elevados com financiamento inicial (apenas para os materiais), início da jardinagem informal e reuniões espontâneas iniciadas pelo grupo de residentes envolvidos e pelo jardineiro paisagista.

5/ Dar vida ao projeto

Expansão do projeto, obtenção de financiamento adicional para instalações, actividades e equipamento, e introdução de competências adicionais: oficinas de construção em madeira.

6/ Apoio técnico e financeiro

Primeira ajuda financeira das instituições para os ateliers de desenvolvimento (reflexão e construção), ateliers de jardinagem e consolidação do apoio técnico por um coletivo de bairro.

7/ A concretização do projeto

Ateliers todas as quartas-feiras à tarde, de abril a outubro, animados por habitantes e profissionais do bairro.

8/ Se possível, apoiar a profissionalização das pessoas envolvidas

Profissionalização da responsável pelo projeto, que cria a sua própria atividade de organizadora de jardins, com base na sua experiência de 7 anos e numa formação de "coordenadora de jardins".



Com base neste ciclo, pensamos que seria desejável alargar esta abordagem no âmbito da transição ecológica. A seguir, partilhamos um cenário imaginário da evolução do projeto no contexto de um ambiente local impregnado de narração de histórias.

Com uma mudança de perspetiva, novas histórias são contadas e dimensões adicionais do projeto emergem.

Hoje em dia, toda a gente gosta de ver pessoas a fazer jardinagem, mesmo que não queiram fazê-lo elas próprias. Conta uma história comum: "Tenho orgulho em viver num bairro onde há fruta, legumes, ervas aromáticas...". Os vizinhos estão a ajudar a transformar o ambiente, a dar à natureza o lugar que lhe compete e a produzir bons alimentos em zonas urbanas, tudo com o seu próprio esforço. O poder de transformar a paisagem e de decidir sobre o aspeto do seu bairro motiva os moradores a envolverem-se. A comunicação em torno do projeto convida cada um a contribuir na medida das suas vontades e possibilidades, sem juízos de valor.

É claro que algumas pessoas criticam a estética desta nova forma de jardinagem, dizendo que não é bonita, especialmente no inverno. Assim, foi criado um diálogo para cultivar diferentes plantas de diferentes maneiras, consoante a estação do ano, e com grande diversidade estética.

Os membros do coletivo de moradores querem aumentar o número de zonas ajardinadas públicas no bairro. Querem viver num lugar onde a vida seja boa e sustentável, onde os moradores sejam parte da solução para a resiliência.

Para que isso seja possível, imaginam ações a iniciar, recursos a mobilizar e atitudes a adotar para complementar o que já existe. Estão regularmente presentes no espaço para inspirar pelo exemplo. Alguns dos seus vizinhos, ao vê-los jardinar todas as semanas, sentem-se motivados a juntar-se a eles. A ideia de cultivar plantas comestíveis agrada-lhes mais do que os jardins puramente decorativos.

A disposição dos jardins teve de ser harmonizada com as outras utilizações, para evitar que algumas pessoas se sentissem despojadas destes espaços comuns e partilhados. Além disso, como o cultivo das plantas exige tempo, o coletivo propõe outras actividades para responder à necessidade de um ritmo regular. São organizados ateliers relacionados com a filosofia do jardim, como a criação de móveis de madeira ou o fabrico de velas de sombra, que ajudam a transformar o jardim num verdadeiro espaço de vida.

O papel do coletivo não se fica por aqui, pois faz pressão junto dos poderes públicos e dos proprietários sociais para que os moradores tenham o direito de instalar hortas ao pé de cada bloco de apartamentos. A proximidade entre as hortas e o espaço habitacional é essencial para a manutenção quotidiana. Além disso, foram concebidos sistemas de recolha das águas pluviais dos telhados dos edifícios para regar as hortas.

O coletivo também se inspirou no sistema "fifty-fifty" de Loos-en-Gohelle[24], e propõe-se agora oferecer aos habitantes materiais reciclados para que possam construir e montar as suas próprias jardineiras colectivas no andar de baixo.

Resta a questão das sementes, que são oferecidas ou trocadas com as pessoas que têm hortas no bairro e nas aldeias vizinhas. As sementes são também recolhidas no campo durante os passeios colectivos. A cooperação com as quintas vizinhas fornece adubos naturais, que completam os depósitos de composto instalados junto das hortas. Alguns habitantes com experiência em jardinagem actuam como pessoas de recurso, sabendo que a produção de sementes não é uma tarefa fácil.

Por fim, mais recentemente, e fora do bairro, com o apoio da cooperativa social, foram disponibilizadas pela Câmara da Agricultura parcelas de terreno para os moradores que delas queiram tirar o seu sustento.

Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e opiniões expressos, no entanto, são da responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem necessariamente os da União Europeia ou da Agência Executiva Europeia para a Educação e Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser responsabilizadas por isto.



FONDAZIONE



Cofinanciado pela
União Europeia